

### 3

## A paz bíblica na perspectiva do Messianismo de Jesus

Neste capítulo, vamos examinar a relação que existe entre o tema da paz na Bíblia com o evento Jesus Cristo, ou seja, com a vida, palavras e atos de Jesus de Nazaré (cf. Lc24,19). Para tanto, nos concentraremos nos casos em que o termo grego *eirene*<sup>1</sup> aparece como um elemento da pregação e dos atos de Jesus Cristo. Nossa intenção não é a de fazer uma exegese de textos evangélicos, mas a de perceber em tais textos a possível relação direta da paz (*eirene*) com a Pessoa e a Mensagem de Jesus Cristo. E a partir dessa relação, questionar se a paz bíblica, já percebida como elemento essencial da fé de Israel, recebe ou não um novo sentido. Desse estudo, procuraremos extrair alguns dados teológicos para uma reflexão cristã sobre a paz.

Segundo R. COSTE, a paz está no centro da pregação de Jesus.<sup>2</sup> Em seu anúncio evangélico do Reino de Deus, a paz é uma realidade presente,<sup>3</sup> seja explicitamente pelo uso do termo *eirene*,<sup>4</sup> ou de maneira implícita na proclamação de que a esperança messiânica se realiza com a chegada do dom da paz.<sup>5</sup> De igual modo, a vida de Jesus está profundamente relacionada com a paz. Seu nascimento é interpretado como o cumprimento da promessa da paz para a humanidade; sua morte na cruz, como o estabelecimento da paz reconciliadora; os encontros com os seus discípulos, após sua Ressurreição, como doação da paz definitiva, a “sua paz”.<sup>6</sup>

Entretanto, não basta apenas constatar o fato da paz estar presente na pregação e na vida de Jesus. A questão principal é perceber como ela se articula com o seu Messianismo.

---

<sup>1</sup> Por razões práticas, usaremos a grafia *eirene* para transcrever o termo grego para o português.

<sup>2</sup> R. COSTE. **Théologie de la paix**. Paris: Éd. du Cerf, 1997, p. 81.

<sup>3</sup> Cf. I. NEUTZLING. *Jesus, o profeta da alegria*. In: M. F. de AQUINO (org.). **Jesus de Nazaré: Profeta da liberdade e da esperança**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 1999, p. 160.

<sup>4</sup> Cf. Mt 10,12s; Lc 7,49; 10,5s.9.

<sup>5</sup> Lc 4,16-21; Cf. Is 61.

<sup>6</sup> Cf. os respectivos textos: Lc 1,79; 2,14; Cl 1,20, Ef 2,14-17; Jo 20, 19.21.26; 14,27.

A Revelação Bíblica tem em Jesus Cristo a sua plenitude.<sup>7</sup> Ele é a expressão do ser de Deus Pai, o Deus de amor e paz.<sup>8</sup> E, como nos diz a própria Escritura, essa plenitude se inicia com o nascimento do Filho de Deus.<sup>9</sup> Na encarnação, o Filho entra concretamente na história dos homens,<sup>10</sup> de modo que, inserindo efetivamente sua vida na realidade de seu povo,<sup>11</sup> anuncia-lhes o Deus de Amor e de Paz.<sup>12</sup>

Nessa articulação com a história do povo de Israel, Jesus vem como aquele que cumpre as expectativas messiânicas: Ele é o Messias esperado.<sup>13</sup> Segundo R. COSTE, a fé que os discípulos depositam em Jesus nos leva a perceber que, pelo menos para eles, Jesus corresponde à esperança messiânica de seu povo.<sup>14</sup> E nesse dinamismo de promessa e expectativa, cumprimento e realização, o tema da paz se faz presente de forma marcante.

É justamente essa presença da paz (*eirene*) na vida de Jesus que iremos abordar neste capítulo. Para desenvolver essa temática, optamos pela seguinte ordem metodológica. Primeiramente, abordaremos algumas passagens dos “Relatos da Infância de Jesus” no evangelho de Lc, onde o nascimento de Jesus é interpretado dentro de toda a expectativa da paz messiânica. Depois veremos no anúncio do Reino de Deus, como a paz está presente, seja em uma das Bem-aventuranças, seja nas instruções e ensinamentos de Jesus sobre esse Reino. Nessa seqüência, tendo como pano de fundo os dois pontos anteriores, examinaremos algumas passagens em que a paz se insere alguns relatos de milagre e perdão. Por fim, abordaremos a *eirene* na perspectiva da Morte e Ressurreição de Jesus.

---

<sup>7</sup> R. LATOURELLE. **Teologia da Revelação**. 3ª. ed., São Paulo: Paulinas, 1985, p.41.

<sup>8</sup> Cf. Hb 1,3 e Jz 6,24.

<sup>9</sup> Hb 1,1s; Lc 2,11-14.

<sup>10</sup> O texto de Jo 1,14 usa o termo *sarx*, que designa justamente o homem em sua “materialidade e debilidade”. Cf. J. MATEOS; J. BARRETO. **O Evangelho de São João: análise lingüística e comentário exegético**. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 34. O termo *sarx* pode indicar também, não só a realidade da encarnação, mas a solidariedade do Filho de Deus com o gênero humano, principalmente em seu aspecto de fragilidade. Cf. B. MAGGIONI. *O Evangelho de João*. In: R. FABRIS; B. MAGGIONI. **Os Evangelhos II**. São Paulo: Loyola, 1992, p. 284-285.

<sup>11</sup> R. COSTE, op. cit. p. 81.

<sup>12</sup> Idem, p. 83.

<sup>13</sup> Cf. Lc 1,79; 2,14.29.

<sup>14</sup> R. COSTE, op. cit. p. 81.

### 3.1.

#### O nascimento de Jesus como realização da paz messiânica

Iniciamos essa nossa abordagem pelos primeiros capítulos do Evangelho segundo Lucas. Assim optamos por entender que neles está condensado aquilo que é fundamental para os Sinóticos: Jesus é o Messias esperado. Mais ainda, Ele “assume e realiza a obra messiânica de justiça e paz anunciada pelos profetas”.<sup>15</sup>

No caso específico de Lc 1-2,<sup>16</sup> o conteúdo de suas narrativas tem um sentido teológico: elas exprimem a profissão de fé dos primeiros cristãos na humanidade e divindade de Jesus.<sup>17</sup> É claro que essa fé parte da Ressurreição. É justamente, a partir dela, que a reflexão cristã passa a iluminar toda a vida de Jesus, de modo que seu nascimento é visto como antecipação da plenitude do Ressuscitado.<sup>18</sup>

Nesse contexto de uma profissão de fé, o tema da paz se faz presente associado ao cumprimento da expectativa messiânica. Nessa perspectiva, vamos nos basear fundamentalmente nos textos de Lc 1,79; 2,14.29, nos quais veremos o conteúdo teológico da associação do tema da paz com o nascimento de Jesus.

#### 3.1.1.

##### A paz messiânica como caminho de vida.

Em Lc 1,68-79 o salmo profético de Zacarias apresenta uma ação de graças pela salvação messiânica. Nesse salmo profético está presente a dinâmica de promessa e cumprimento<sup>19</sup>. Na realidade, duas promessas são cumpridas. Primeiramente, cumpre-se uma mais imediata, ou seja, o nascimento de João Batista, anunciado em 1,13-21; a outra, é o início da era messiânica (Lc 1,76ss).

---

<sup>15</sup> L. A. VERDES. *La paz en el mensaje bíblico*. In: M. VIDAL (org.) **Conceptos fundamentales de ética teológica**. Madrid: Editorial Trotta, 1992, p. 789.

<sup>16</sup> Assim como em Jo 1,14.

<sup>17</sup> Cf. C. PERROT. **As narrativas da infância de Jesus**. 2ª. ed., São Paulo: Paulinas, 1987, p. 8.

<sup>18</sup> Idem, p. 53. Na p. 54 esse autor afirma que nos cap. 1-2 de Lc estão presentes todos os “títulos e qualidades atribuídos a Jesus: filho de Davi (1,27.32.69; 2,4), salvador (2,11), Cristo Senhor (2,11; cf. 1,43), o Santo, o Grande, a Luz; repleto do Espírito, Filho do Altíssimo, Filho de Deus (1,32.35; 2,41-51).

<sup>19</sup> Cf. R. FABRIS. *O Evangelho de Lucas*. In: R. FABRIS; B. MAGGIONI. **Os Evangelhos II**. 2ª ed., São Paulo: Loyola, 1995, p. 36.

Assim sendo, o evangelho de Lucas insere as origens de Jesus na dinâmica da realização da Palavra de Deus, no cumprimento de suas promessas.<sup>20</sup>

A narrativa de Lc coloca na boca de Zacarias os motivos da esperança messiânica e os elementos de sua salvação, temas contidos em anúncios proféticos do AT.<sup>21</sup> O ponto fundamental da ação salvífica de Deus é o modo pelo qual Este realiza essa salvação: Deus visita seu povo. Esse tema está na abertura e no fechamento dessa perícopes (Lc 1,68.78).

Assim, a partir dessa intervenção divina, é que devemos interpretar a conclusão do salmo de Zacarias, ou seja, como um anúncio da paz divina: “Ele apareceu aos que se acham nas trevas e na sombra da morte, a fim de guiar os nossos passos no caminho da paz.” (Lc 1,19)

A relação entre a paz e a ação de Deus, descrita na perícopes de Lc 1,68-79, tem toda uma intenção teológica: podemos afirmar que ela revela que essa paz é a paz definitiva, pois é a paz messiânica, a paz salvífica do Reino de Deus,<sup>22</sup> a realização das promessas e a plenitude dos dons divinos.<sup>23</sup>

É claro que, em conformidade com a perspectiva da paz no AT, aqui também há uma forte carga existencial. Em uma situação de trevas, de sombra e de morte abre-se a perspectiva de um caminho salvífico. Iluminado pelo “astro nascente”, o caminho da paz é um desafio para a humanidade construir novas relações de vida.

### **3.1.2. A paz messiânica sobre a terra**

Dissemos acima que Lc insere intencionalmente as origens de Jesus na dinâmica vetero-testamentária de promessa e cumprimento. Assim foi na narrativa do nascimento de João Batista. Agora, em Lc 2,1-21 essa dinâmica chega ao seu ponto culminante: o nascimento do Messias.

---

<sup>20</sup> R. FABRIS. *O Evangelho de Lucas*, op. cit. p.36.

<sup>21</sup> Como em Mt 3,20; Is 9,ss; 42,6.

<sup>22</sup> C. PERROT, op. cit. p. 74. V. HASLER, *eirene*. In: BALZ, H., SCHNEIDER, G. (eds.) **Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento I**. Salamanca: Sigueme, 1996, col. 1203.

<sup>23</sup> R. FABRIS, *O Evangelho de Lucas*, op. cit. p. 36.

No relato do nascimento de Jesus estão mesclados fatos da realidade, como o nascimento de uma criança e dados da fé, simbolizados no anúncio dos anjos aos pastores<sup>24</sup>. Essa fé é fundamental para a interpretação do nascimento daquela criança, pois no anúncio de seu nascimento é revelado seu sentido último.<sup>25</sup> O Filho de Deus veio ao mundo, a salvação messiânica está entre os homens.

A proclamação da “boa notícia” do nascimento de Jesus concentra o fundamental da fé cristã sobre sua identidade e, ao mesmo tempo, é o momento que conclui toda a espera messiânica: “Nasceu-vos hoje, na cidade de Davi, um Salvador, que é o Cristo Senhor” (Lc 2,11). Portanto, é um momento de plenitude, de confirmação da realização plena das promessas divinas. E, inserida nesse contexto de plenitude, está a exaltação dos anjos: “Glória a Deus no mais alto dos céus e sobre a terra paz para o seus bem-amados” (Lc 2,14)

A expectativa escatológica se firmava na esperança de que o próprio Deus viria reinar sobre seu povo; de que ele mesmo viesse trazer a paz.<sup>26</sup> No canto dos anjos (Lc 2,14), a exaltação do “Glória a Deus” evoca o fato de que a potência salvífica de Deus se revela e se estabelece entre os homens<sup>27</sup>. Efetivamente isto se faz por meio da paz: “e sobre a terra paz” (Lc 2,14b).

Portanto, a paz anunciada como presente “sobre a terra”, por ocasião do nascimento de Jesus, é identificada com a própria ação divina. Ela é a paz messiânica (Cf. Is 9,5.6),<sup>28</sup> a mesma aclamada por Zacarias em Lc 1,79, mas que, libertando-se da visão nacionalista, agora é anunciada para toda a humanidade.<sup>29</sup>

### **3.1.3. “Ir na paz” messiânica**

Antes, foram os anjos que cantaram louvores a Deus pelo nascimento de Jesus. Agora, em Lc 2,22-39 esse louvor é posto na boca dos homens e das mulheres, em duas figuras de especial simbolismo: o justo Simeão e a profetisa

---

<sup>24</sup> Respectivamente em Lc 2,7 e 2,8-14. Cf. R. FABRIS, *O Evangelho de Lucas*, op. cit. p. 37-38.

<sup>25</sup> Idem, p. 38.

<sup>26</sup> Cf. R. COSTE, op. cit. p. 78.

<sup>27</sup> R. FABRIS, *O Evangelho de Lucas*, op. cit. p. 39

<sup>28</sup> Idem, ibidem.

<sup>29</sup> C. PERROT, op. cit. p. 78.

Ana, que, conforme afirma R. FABRIS, “recolhem todas as expectativas messiânicas dos profetas e dos pobres de Israel.”<sup>30</sup>

Simeão representa a figura do homem justo. Trata-se daquele que, de acordo com as concepções do AT, aguardava a consolação de Israel, ou seja, sua salvação definitiva.<sup>31</sup> Além dessa expectativa remota, ele ainda tinha uma outra, não morrer sem ter visto o “Cristo do Senhor” (Lc 2,26).

Toda essa expectativa do justo Simeão se concretiza no encontro com o Menino Jesus. Ele é o “Cristo Senhor”, aquele que traz a “salvação da Deus”,<sup>32</sup> ele é “luz para as nações”,<sup>33</sup> ele é a “glória de Israel”.<sup>34</sup> Por esse motivo, Simeão, agora, pode ir “em paz” (Lc 2,25-32).

Mas, em que consiste essa paz? Ou o que ela representa? Mais do que uma simples satisfação interior, ou uma sensação de estar satisfeito com algo, essa paz designa a certeza do cumprimento da salvação divina. Ele pode ir em paz, porque agora a verdadeira paz se coloca diante de seus olhos. Por isso, a ele pode ser aplicado com propriedade o dito Lc 10,24, pois ele viu o que “muitos profetas e muitos reis quiseram ver (...) e não viram”.

Enfim, a partir dos dados bíblicos que os relatos da infância de Jesus nos oferecem, podemos concluir que neles a paz está inserida na perspectiva da espera Messiânica. O nascimento de Jesus é o cumprimento das promessas messiânicas, e a paz é um de seus elementos.<sup>35</sup> De início podemos afirmar que a relação entre a paz bíblica e a pessoa de Jesus nos oferece as bases iniciais para uma reflexão teológica cristã sobre a paz. Esta, como já dissemos, é um elemento do Messianismo inaugurado por Jesus. Ainda mais, ela se coloca no centro da afirmação de fé de que o menino que nasce é o Messias esperado: a certeza de que a era da paz Messiânica, que até então era uma promessa, agora é uma realidade.<sup>36</sup>

---

<sup>30</sup> R. FABRIS, *O Evangelho de Lucas*, op. cit. p. 41.

<sup>31</sup> Idem ibidem. Cf. Is 40,1; 49,13; 51,12; 61,2

<sup>32</sup> Lc 2,30, cf. Is 40,5.

<sup>33</sup> Lc 2,32a, cf. Is 42,6; 49,6.

<sup>34</sup> Lc 2,32b, cf. Is 46,13; 45,25. A. GEORGE. *Leitura do Evangelho segundo Lucas*. 3ª ed., São Paulo: Paulinas, 1982, p. 21.

<sup>35</sup> Conforme os anúncios de Is 9,5-6; Zc 9,10.

<sup>36</sup> Vale notar que a expectativa de uma era de paz fazia parte das esperanças não só do povo judeu, mas também de outros povos. Sobre isso, ver W. KASPER. *Jesus, el Cristo*. Sexta edición. Salamanca: Sigueme, 1986, p. 46s.

A humanidade está diante de um novo caminho, anunciado pelos anjos e confirmado pelos profetas. Mas, como todo caminho se faz caminhando, a paz se torna uma realidade efetiva na medida em que a humanidade acolhe o Príncipe da Paz e seu Reino.

Do mesmo modo que o nascimento de Jesus é marcado pela perspectiva da paz bíblica, em sua proclamação do Reino de Deus, o tema da paz se faz presente. Para manifestar a chegada do tempo da realização das promessas, Jesus anuncia a vinda do Reino de Deus.<sup>37</sup> Mas seu anúncio carrega em si uma grande novidade: não é apenas um anúncio, mas a realização do Reino.<sup>38</sup> “Hoje, esta escritura se realizou para vós que a ouvís.” (Lc 4,21)<sup>39</sup>

E Jesus anuncia e realiza o Reino de Deus por meio de suas “palavras” e “obras” (ou sinais).<sup>40</sup> Justamente em suas palavras e obras é que veremos como a paz se relaciona com esse Reino.

---

<sup>37</sup> J. COMBLIN. **Théologie de la paix: principes**. Paris: Editions Universitaires, 1960, p. 258.

<sup>38</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>39</sup> Ver também os outros textos onde Lc insiste no “hoje”: 2,11; 3,22; 5,26; 13,32; 19,9; 23,43.

<sup>40</sup> J. COMBLIN, *op. cit.* p. 258.

### 3.2.

#### A paz na perspectiva do Reino de Deus

Vimos acima como a paz está inserida no conteúdo teológico dos relatos da infância de Jesus. Ela aparece como o sinal da ação salvífica de Deus, que faz irromper na história humana uma nova perspectiva: a perspectiva do Reino. Se pelo nascimento do Filho de Deus seu Reino é inaugurado, por sua atividade ficará claro em que realmente consiste esse Reino.

Jesus inicia seu ministério anunciando o Reino (ou Reinado) de Deus.<sup>41</sup> Esse fato quer mostrar a importância da perspectiva do Reino em toda a sua atividade, o que fica claro pela centralidade que esse tema ocupa nos Evangelhos, principalmente nos Sinóticos.<sup>42</sup>

Assim como nos relatos lucanos da infância de Jesus, o tema da paz se faz presente também em seu ministério público. Nos Evangelhos Sinóticos, de forma especial, este tema está inserido na perspectiva do anúncio do Reino de Deus,<sup>43</sup> centro da pregação jesuânica.<sup>44</sup> Mas para não nos estendermos demasiadamente sobre essa temática tão rica e complexa, como é o caso do Reino de Deus, vamos restringir nossa abordagem a alguns pontos centrais. De início, estudaremos um caso específico contido no Sermão da Montanha,<sup>45</sup> a bem-aventurança dos que “promovem a paz”; posteriormente, veremos algumas outras passagens em que essa perspectiva do Reino ilumina o sentido da paz anunciada pelos discípulos (a saudação messiânica), o tipo de paz proposto e vivida por Jesus e a vivência dessa paz no grupo dos discípulos.

<sup>41</sup> Cf. Mc 1,14,15; Mt 4,12-17; Lc 4,14-15.

<sup>42</sup> Cf. Mt 3,2; 4,17.23; 12,28; 13; 25,1; Mc 1,14s; 9,47; Lc 13,18.20; 18, 17.24 e outras. Sobre a relação entre a pregação de Jesus e o Reino de Deus, entre outros: M. QUESNEL. **Evangelho e Reino de Deus**. São Paulo: Paulus, 1997. I. NEUTZLING. **O Reino de Deus e os pobres**. São Paulo: Loyola, 1986. A. G. RUBIO. **O encontro com Jesus Cristo vivo**. São Paulo: Paulinas, 1994, p.33-48. L. GOPPELT. **Teologia do Novo Testamento**. Vol. I: Jesus e a comunidade primitiva. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1976, p. 80-108. J. JEREMIAS. **Teologia do Novo Testamento: a pregação de Jesus**. 4ª. ed., São Paulo: Paulinas, 1977, p. 150-168. R. FABRIS. **Jesus de Nazaré: história e interpretação**. São Paulo: Loyola, 1988, p.104-118.

<sup>43</sup> R. COSTE, op. cit. p. 81.

<sup>44</sup> Cf. M. QUESNEL, op. cit. p. 7.

<sup>45</sup> Mt 5-7. Cf. R. COSTE, op. cit. p. 91-92, o Sermão da Montanha é um “documento importante” para a teologia da paz no NT.

### 3.2.1.

#### A bem-aventurança dos que “promovem a paz”

Na realidade, em Mt 5-7 o termo *eirene* não está presente, pelo menos literalmente. No entanto, isso não quer dizer que o tema da paz esteja ausente no Sermão da Montanha. Uma das Bem-aventuranças emprega o adjetivo *eirenopoiós*, um termo composto por *eirene* e o verbo *poiéo*:<sup>46</sup> “Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus.(Mt 5,9)

No texto acima, a expressão “os que promovem a paz” é uma tradução livre do adjetivo *eirenopoiós*, encontrado somente nesta passagem de Mt. Segundo alguns autores, o sentido desse adjetivo é variado. Assim, *eirenopoiós* pode significar “o pacificador”, ou seja, aquele que traz ou estabelece a paz;<sup>47</sup> ou também, “o fazedor da paz”,<sup>48</sup> ou ainda, trata-se do “artífice da paz”, cuja obra, em conexão com os ensinamentos dos rabinos, é justamente a de “estabelecer a paz e concórdia entre os homens”.<sup>49</sup> Segundo W. FOERSTER, o texto de Mt 5,9 se refere àquele que, por sua conta e iniciativa, se coloca em meio a um conflito entre duas pessoas, para levá-las ao entendimento e à paz.<sup>50</sup>

Um ponto em comum nos significados vistos acima é o aspecto ativo de estabelecer a paz, ou seja, o adjetivo *eirenopoiós* qualifica uma ação como ativa, e não como uma atitude daquele que suporta a situação passivamente.

Decerto, essa abordagem sucinta não nos permite ver todo o conteúdo teológico que o adjetivo em questão possui. Por isso, citaremos alguns dos dados apresentados por J. DUPONT<sup>51</sup> no estudo que faz dessa bem-aventurança. Segundo ele, para percebermos o verdadeiro sentido bíblico do adjetivo *eirenopoiós*, e, justamente, por este ser citado unicamente na passagem de Mt 5,9, devemos compará-lo com outros termos relativos a ele,<sup>52</sup> tal como segue.

<sup>46</sup> Que significa praticar, fazer, por. Cf. J. DUPONT. **Lés Béatitudes**. Tome III: Les Évangélistes. Paris: Gabalda et Cie, 1973, p. 634.

<sup>47</sup> V. HASLER, op. cit. col. 1209.

<sup>48</sup> H. BECK; C. BROWN. **Paz**. In: C. BROWN. **O Novo Dicionário de Teologia do Novo Testamento**. Vol. III. 3ª ed., São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 1597.

<sup>49</sup> W. FOERSTER, G. VON RAD, *eirene*. In: G. KITTEL; G. FRIEDRICH. **Grande Lessico del Nuovo Testamento**. Vol. III. Brescia: Paideia, 1967, cols. 241-243.

<sup>50</sup> Idem, ibidem.

<sup>51</sup> Cf. J. DUPONT, op. cit. p. 633-664.

<sup>52</sup> Idem, p.634-635.

O verbo *eirenopoieo*, usado em Pr 10,10, na versão dos LXX é traduzido como “alcançar a paz”.<sup>53</sup> A expressão *eirenen poieo* (estabelecer a paz), que em Ef 2,15 e Cl 1,20 está relacionada à obra salvífica de Jesus Cristo em sua dimensão reconciliadora, seja de Deus para com o homem, seja entre os homens. Já em Tg 3,18, essa expressão se relaciona à ação daquele que estabelece a paz por meio da justiça; daquele que, portanto, iluminado por uma “sabedoria do alto”, reconcilia os homens entre si.

O sentido desse adjetivo pode ser enriquecido também com elementos retirados da literatura rabínica. Assim, J. DUPONT apoia-se em paralelos dessa literatura, na tentativa de esclarecer o sentido de *eirenopoiós*.<sup>54</sup>

De acordo com esse ponto de vista, percebemos que o adjetivo *eirenopoiós* não está isolado na Bíblia, pois há certos termos ou expressões que nos permitem perceber seu sentido. Ou seja, além do aspecto positivo, visto acima, de uma atitude ativa de estabelecer a paz, ele se coloca em conexão com a idéia de justiça do Antigo Testamento, bem como na perspectiva da obra reconciliadora de Jesus Cristo.

De modo resumido, podemos dizer que para J. DUPONT os “artífices da paz”<sup>55</sup> são aqueles que ajudam seus semelhantes a viver em paz e reconciliados com todos, com Deus e com os outros, estabelecendo o bom relacionamento comunitário e a fraternidade.<sup>56</sup> Esse sentido tem uma profundidade teológica e existencial superior a traduções como “pacíficos” ou “pacificadores”. Teologicamente, ele se coloca na perspectiva da obra de reconciliação de Jesus Cristo, que nos reconcilia com o Pai e instaura a reconciliação entre a humanidade. Por outro lado, sua importância existencial se funda no fato de que a paz é vista como algo essencial para a vida social, e não somente para o indivíduo, isoladamente visto.

<sup>53</sup> Cf. a TEB, em nota a Pr 10,10. J. DUPONT traduz como “... *fait la paix*”, op. cit. p. 634.

<sup>54</sup> J. DUPONT, op. cit. p.640-643.

<sup>55</sup> A expressão “artífices da paz” é a tradução utilizada por J. DUPONT, op. cit. p. 640, a qual utilizaremos em nosso trabalho.

<sup>56</sup> Para esse resumo nos apoiamos também em: VV. AA. **A mensagem das Bem-aventuranças**. 2ª. ed., São Paulo: Paulinas, 1986, p. 72. Este livro é, na verdade, a edição das anotações de conferências feitas por J. Dupont em um retiro. Vale observar que o adjetivo *eirenopoiós* é traduzido por “promotor da paz”, ou “o que promove a paz”

Contudo, segundo J. DUPONT, o sentido do adjetivo, visto acima, não esgota todo o conteúdo de *eirenopoios* contido no contexto da bem-aventurança de Mt 5,9.<sup>57</sup> Para tanto, se faz necessário ver o ponto de vista do evangelho de Mt.<sup>58</sup>

Já W. FOERSTER observava a associação entre a importância que tem para a literatura rabínica a obra daquele que promove a paz e o “mandamento do amor” nos Evangelhos.<sup>59</sup> Em Mt, a prática do amor ao próximo é algo de suma importância, uma exigência fundamental.<sup>60</sup> Prova disso é o modo como Mt apresenta a resposta dada por Jesus ao fariseu, que o interroga sobre o “grande mandamento da Lei” (Mt 22,34-40).

O modo como Mt organiza a resposta dada por Jesus apresenta uma grande diferença com relação aos paralelos de Mc 12,28-34 e Lc 10,25-28. Em Mt, apesar do amor a Deus ser o “grande e o primeiro mandamento”, o segundo - o amor ao próximo - é, na verdade, semelhante ao primeiro. Este é o ponto fundamental para Mt, pois sua narrativa quer dar o enfoque principal ao segundo mandamento: o amor ao próximo é “igualmente importante” como o amor a Deus.<sup>61</sup> E, como conclui a narrativa, de ambos dependem toda a Lei e os Profetas, ou seja, toda a norma de conduta do AT.<sup>62</sup>

Por isso, podemos concluir que para Mt 5,9 a obra daquele que promove a paz não está separada da exigência do amor ao próximo. Promover a paz entre as pessoas é instaurar um relacionamento baseado na dimensão do amor, não só entre os que estão em dissídio, mas entre todos.

Neste sentido, Jesus é o *eirenopoios* por excelência. A paz que Ele estabelece, promovendo a unidade do que estava dividido,<sup>63</sup> está fundamentada no seu próprio amor pela humanidade.

Pois bem, conforme a segunda parte da bem-aventurança dos construtores da paz, aqueles que assim agem serão chamados de “filhos de Deus” (cf. Mt

<sup>57</sup> J. DUPONT. op. cit. p. 643.

<sup>58</sup> Cf. idem, p. 644.

<sup>59</sup> Sobre isso ver: W. FOERSTER, op. cit. col. 215s.

<sup>60</sup> J. DUPONT, op. cit. p. 644.

<sup>61</sup> Idem, p. 648.

<sup>62</sup> Cf. VV. AA. **A mensagem das bem-aventuranças**, op. cit. p. 74

<sup>63</sup> Cf. Ef 2,14; Cl 1,20.

5,9b). Em que consiste esta denominação? Segundo J. DUPONT,<sup>64</sup> será o próprio Deus que assim vai chamar os que promovem a paz, designando uma realidade nova, ou seja, a adoção destes como seus filhos, numa relação de intimidade, baseada no novo modo de agir que é conforme ao próprio agir de Deus.

Esta designação de uma nova identidade de filho de Deus remonta a uma realidade escatológica, pois se pode traçar um paralelo entre Mt 5,9 e Os 2,1-2: a realidade de uma era de felicidade, onde o povo será chamado de “filho do Deus vivo”.<sup>65</sup>

Logo, promover a paz é fazer acontecer o Reino escatológico. Onde há paz, esse Reino está presente como uma realidade onde Deus chama os homens de seus filhos. A promessa de uma filiação divina de Mt 5,9b é possível de ser realizada nesta vida,<sup>66</sup> uma vez que ela se manifesta no amor radical, amor que se estende até os “inimigos”. Deste modo é que o filho se assemelha ao Pai e se aproxima de sua santidade, pois seu amor nos alcançou mesmo quando éramos seus “inimigos”.<sup>67</sup>

Como conclui J. DUPONT,<sup>68</sup> o liame entre a ação pela paz e a filiação divina é o amor, o verdadeiro e pleno amor: *agape*. Este amor é o modo de ser da “nova criação”, daquele que vive na perspectiva do Reino de Deus.

Mas o Reino de Deus não é uma realidade abstrata. Seu caráter escatológico não nega sua dimensão histórica.<sup>69</sup> O Reino dos “Céus” está presente já neste mundo. Não plenamente, mas em germe. A história humana é o lugar de atuação do Reino Escatológico. E a nossa vida é vivida nessa tensão entre presente e futuro. Isto é claro na pregação de Jesus, quando afirma que “cumpriu-se o tempo, e o Reinado de Deus aproximou-se: convertei-vos e crede no Evangelho.” (Mc 1, 15).<sup>70</sup>

<sup>64</sup> Op. cit. p. 654-655.

<sup>65</sup> Cf. J. DUPONT, op. cit. p. 656-660.

<sup>66</sup> É o que podemos ver em Mt 5,44-45: “Eu porém vos digo: Amai vossos inimigos e orais pelos que vos perseguem. A fim de serdes verdadeiramente filhos do vosso Pai que está nos céus, pois ele faz nascer o sol sobre os maus e os bons e cair a chuva sobre os justos e os injustos.”

<sup>67</sup> Cf. Rm 5,1-11, principalmente o v. 10.

<sup>68</sup> Op. cit. p. 664.

<sup>69</sup> Sobre isso ver: I. NEUTZLING. **O Reino de Deus e os pobres**, op. cit. p. 50-52.

<sup>70</sup> Cf. idem, p. 51, Mc 1,15 pode ser interpretado como um anúncio da presença do Reino: “Mc 1,15 não somente anuncia o Reino a vir, mas qualifica escatologicamente, já agora, o presente. E

E esse Reino, cuja marca é a filiação divina, exige um *ethos* próprio, em que a promoção da paz e do amor fraterno sejam vividos em atitudes concretas no presente da história, especificamente nas relações humanas, o que é muito claro no evangelho de Mt.<sup>71</sup> Esse amor fraterno, elemento fundamental da teologia da paz no NT, é vivido de modo radical por Jesus. Por suas palavras e por seus atos, Ele nos testemunha em que consiste efetivamente a relação entre a paz e o amor, o que veremos a seguir.

Pois bem, até aqui, vimos como a vida de Jesus e o seu projeto de vida para a humanidade são marcados pela perspectiva da paz. Seu nascimento é interpretado pela comunidade cristã como o cumprimento das promessas messiânicas de paz, assim como a filiação divina se torna efetiva na vivência da paz como amor radical e gratuito. Certamente, a coerência do modo de viver o projeto de Jesus é visível por atos concretos marcados pela perspectiva da paz. E o próprio Jesus assim agiu.

Como o “evangelho da paz”,<sup>72</sup> toda a vida de Jesus se desenvolve como um anúncio desse fato. Em palavras e atos, Ele revela o Deus da paz, e é nas mesmas palavras e nos mesmos atos que veremos em que consiste a paz de Deus,<sup>73</sup> seu dom de amor para a humanidade.

### 3.2.2. A saudação messiânica do Reino da paz

Em conexão com a proposta do Reino, vista de modo paradigmático na bem-aventurança dos artífices da paz, na instruções de Jesus dadas aos seus discípulos, a paz se faz presente como um ponto fundamental. Ou seja, tanto em Mt 10,12s e em Lc 10,5s ela se coloca como um elemento do anúncio da chegada

---

com isso Mc 1,15 adquire uma realidade escatológica imediata e permite a articulação do Reino de Deus como presente e futuro.”

<sup>71</sup> Obviamente a ética crista se fundamenta em todo o NT, não se restringindo ao Evangelho de Mt. Apenas optamos pelo primeiro evangelho pela questão da importância do Sermão da Montanha. Para uma visão geral sobre a ética néo-testamentária ver: R. SCHNACKENBURG. **El mensaje moral del Nuevo Testamento**. Vol. I: De Jesús a la Iglesia primitiva, Vol. II: Los primeros predicadores cristianos. Barcelona: Herder, 1989, 1991.

<sup>72</sup> Cf. At 10,36; Ef 6,15.

<sup>73</sup> Cf. J. COMBLIN, op. cit. p. 258.

do Reino, bem como uma condição para seu acolhimento. Nesse caso, vale ressaltar alguns traços teológicos presentes nessas narrativas evangélicas.

No caso do texto de Mt 10,12s, estamos diante da segunda instrução de Jesus aos seus discípulos, pois a primeira foi dada no Sermão da Montanha. Agora, a narrativa evangélica nos apresenta a “Missão dos doze”, inserida na “Missão da Igreja”.<sup>74</sup> Dentro das recomendações dadas, está a seguinte instrução: “ao entrardes numa casa, saudai-a; se esta casa for digna, desça a vossa paz sobre ela; mas se não for digna, volte a vós a vossa paz.” (Mt 9,12s)

Esta recomendação é conforme ao costume judaico de saudar com o desejo da paz, um dos usos de *shalôm*, como vimos nos textos do AT. Contudo, o objeto dessa saudação - a paz - possui em si um significado teológico que a faz ser algo mais que uma simples saudação. Ela não apenas precede a ação dos discípulos de anunciar o Reino, mas também já se insere na própria dinâmica de anúncio e acolhida desse Reino.

Dessa forma, a saudação da paz está inserida na missão dos discípulos. Esta, por sua vez, está em continuidade com a atividade messiânica de Jesus,<sup>75</sup> pois a eles também cabe proclamar o Reino de Deus e fazer as mesmas obras que o Mestre.<sup>76</sup> Portanto, em suas palavras e ações manifestam a chegada da salvação messiânica.

Com relação aos que recebem o anúncio da paz do Reino, esta, conforme Mt 10,11.13, impõe uma exigência: ser digno.<sup>77</sup> Podemos traçar um paralelo entre esse caso e o de Ap 3,4, que retrata uma situação escatológica, e o de Mt 10,37, onde a dignidade se relaciona com a pessoa do próprio Jesus. Assim, em Mt 10,13, o “ser digno” significa o posicionamento de abertura daquele que recebe o discípulo, que se abre à mensagem de salvação messiânica.

Desta maneira, podemos concluir que, nesse contexto, a paz (*eirene*) designa a doação de uma nova realidade existencial que se apresenta. Ela está na

<sup>74</sup> Mt 9,35-11,1). Cf. G. BARBAGLIO. *O Evangelho de Mateus*. In: G. BARBAGLIO; R. FABRIS; B. MAGGIONI. **Os Evangelhos I**. São Paulo: Loyola, 1991, p. 173.

<sup>75</sup> G. BARBAGLIO. *O Evangelho de Mateus*, op. cit. p. 177. D. J. HARRINGTON. *Mateus*. In: D. BERGANT, J. R. KARRIS. **Comentário Bíblico**. Vol. III: Evangelhos, Cartas, Apocalipse. 2ª ed., São Paulo: Loyola, 1999, p. 23. J. SCHMID, op. cit. p. 258.

<sup>76</sup> Mt 10,1.5-8, conforme 9,35.

perspectiva do Reino que se faz presente na ação taumatúrgica de Jesus e dos discípulos. Portanto, ela designa a própria salvação messiânica,<sup>78</sup> e como dom do Reino,<sup>79</sup> estabelece uma relação de liberdade e gratuidade, já que a pessoa pode até mesmo não aceitá-la; mas quem a recebe e a acolhe, recebe e acolhe a paz salvífica.<sup>80</sup>

Essa mesma perspectiva está presente no texto de Lc 10,5s: como dom,<sup>81</sup> ela designa a salvação messiânica<sup>82</sup> dada pela boa nova da paz em Jesus Cristo (cf. At 10,36). A paz está na perspectiva do Reino anunciado pelos discípulos (Lc 10,9). E, pelo modo como Lc redige e organiza os versículos, percebemos que o anúncio e a ação do Reino depende da acolhida da paz: esta será o primeiro elemento a ser proclamado (10,5). Se a paz encontrar resposta por parte de algum “filho da paz” (10,6), ou seja, se for acolhida (10,8), o anúncio do Reino se torna efetivo (10,9).

A eficácia do Reino de Deus e sua paz dependem da abertura humana, do acolhimento, da opção em participar do projeto de Deus que é oferecido.<sup>83</sup> Na verdade, nessa dinâmica de acolher ou não a paz e seu Reino, está a exigência de um posicionamento da pessoa diante de Jesus: o que recebe o anúncio deve fazer uma opção clara e definitiva. É o que veremos a seguir.

### 3.2.3.

#### A paz trazida por Jesus

O seguimento de Jesus exige a aceitação da ética radical do Reino, ética baseada na paz e no amor, conforme vimos no Sermão da Montanha. Não só em Mt 10,34-39, como também em Lc 12,49-53, estão expostas as “exigências radicais” da missão.<sup>84</sup> Na realidade, são situações concretas vividas pela comunidade de Mateus, onde os homens e as mulheres, por causa de sua opção de seguir Jesus, encontram oposição até mesmo entre seus parentes. E é dentro dessa

<sup>77</sup> Sobre isso ver: P. TRUMMER. *axios*. In: H. BALZ; G. SCHNEIDER (org.) **Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento** I. Salamanca: Sigueme, 1996, col. 337-338..

<sup>78</sup> W. TRILLING. **O Evangelho de Mateus**. Parte I. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 238.

<sup>79</sup> Cf. J. PIKAZA. **Teologia de Mateus**. 2<sup>a</sup> ed., São Paulo: Paulinas, 1984, p. 63.

<sup>80</sup> Cf. G. BARGAGLIO. *O Evangelho de Mateus*, op. cit. p. 179.

<sup>81</sup> A. ESTÖGER. **O Evangelho segundo Lucas. Primeira parte**. 2<sup>a</sup> ed., Petrópolis: Vozes, 1984, p. 298. J. KODELL. *Lucas*. In: **Comentário Bíblico**. Vol III, op. cit. p.89.

<sup>82</sup> R. FABRIS. *O Evangelho de Lucas*, op. cit. p. 121.

<sup>83</sup> Idem, *ibidem*.

situação concreta que o discípulo é chamado a uma decisão. A opção em favor de Jesus pode criar uma cisão. E a espada simboliza esta realidade.<sup>85</sup>

Jesus não veio trazer a falsa paz da indecisão e das meias medidas, da indiferença ou desinteresse.<sup>86</sup> Uma paz que isenta a pessoa de uma conversão e de uma decisão radical: estar a favor ou contra a proposta do Reino.<sup>87</sup>

A narrativa de Lc 12,49-53 apresenta alguns elementos que mostram a radicalidade dessa opção. Já em Lc 2,34 Jesus era apontado como um “sinal a ser contestado”. Portanto, a “divisão” que ele agora anuncia (12,51-53) está dentro da perspectiva messiânica. Tanto Mt quanto Lc se apoiam em Mq 7,6, um texto que fala das divisões causadas pelos tempos finais, os tempos messiânicos.<sup>88</sup> E juntamente com a divisão, o Messias traz a exigência da decisão.<sup>89</sup>

Podemos notar, ainda, que Lc 12,51 se coloca como um elo entre a opção de Jesus diante de sua missão (12,49s) e a necessária opção que cada pessoa deve fazer diante da proposta de Jesus (12,52s). Pois, diante dos sinais do Reino escatológico que se aproxima (Lc 12, 54-56), ninguém pode ficar neutro: chegou o tempo da decisão. E a primeira decisão a ser tomada é abandonar a hipocrisia de uma falsa paz.<sup>90</sup> Como afirma R. FABRIS, “Jesus não é portador de uma paz tranqüila sem tensões e lacerações. Ele põe fim à ilusão de um irenismo sem valor, que enche a boca dos falsos profetas”.<sup>91</sup>

### **3.2.4. A paz nas relações comunitárias**

O modo de vida baseado numa ética da não-violência e da paz, exigida daqueles a quem é anunciada a Boa Nova, já deveria ser uma realidade experimentada pelos discípulos de Jesus. Nesse contexto, é que devemos interpretar o texto de Mc 9,50: “Coisa boa é o sal. Mas se o sal perde a força, com que lha restituireis? Tende sal em vós mesmos e vivei em paz uns com os outros.”

---

<sup>84</sup> Cf. G. BARBAGLIO. *O Evangelho de Mateus*, op. cit. p. 184.

<sup>85</sup> Cf. W. TRILLING, op. cit. p. 249.

<sup>86</sup> Cf. G. BARBAGLIO. *O Evangelho de Mateus*, op. cit. p. 185.

<sup>87</sup> Ou, como no texto de Ap 3,16, “frio ou quente”, mas nunca “morno”.

<sup>88</sup> A. STÖGER, op. cit. p. 375.

<sup>89</sup> *Idem*, p. 374.

<sup>90</sup> J. KODELL, op. cit. p. 93

Esse versículo está dentro de um conjunto de instruções dadas aos discípulos (9,33-50) que, segundo FABRIS, pode ser dividido em “coleções de sentenças”,<sup>92</sup> uma ligada à outra, formando assim uma seqüência organizada:

9,33-37: À dúvida dos discípulos sobre a “precedência” do grupo, Jesus responde com a instrução de que o “maior” deve ser servidor, consciente do papel fundamental do acolhimento e da solidariedade, principalmente para com os menores, cujo símbolo é a criança.<sup>93</sup>

9,38-42: De modo geral, nesta parte o ensinamento concentra-se na questão da tolerância e a necessidade de se evitar qualquer sectarismo. Entra também uma palavra sobre o escândalo, entendido como uma atitude que se ponha como obstáculo à fé, bem como o cuidado necessário para com os mais fracos na fé.

9,43-50: Trata da queda pessoal, onde se evidencia, pelos três paradoxos apresentados, a necessidade de se escolher a vida<sup>94</sup> (cf. 8,34).

O versículo 50 apresenta-se como uma conclusão. Mais ainda, como um resumo teológico de todo o conjunto de instruções, pois nele é retomada a questão do relacionamento comunitário,<sup>95</sup> tema da primeira instrução. A figura do sal evoca a sensatez e a sabedoria como a base dos bons relacionamentos,<sup>96</sup> como também o compromisso que o discípulo de Jesus tem com o testemunho perante todos (Cf. Mt 5,13-16).

Assim sendo, Mc 9,50 reforça a necessidade de se manter a harmonia nas relações comunitárias. O verbo *eireneuo*, que significa “conservar a paz” ou

<sup>91</sup> Cf. Jr 6,14; 8,11; Mq 3,5.11. R. FABRIS. *O Evangelho de Lucas*, op. cit. p. 145.

<sup>92</sup> Mc 9,33-37; 9,38-42; 9, 43-50. R. FABRIS, *O Evangelho de Marcos*. In: G. BARBAGLIO; R. FABRIS; B MAGGIONI. *Os Evangelhos II*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 526.

<sup>93</sup> Idem, p. 527.

<sup>94</sup> Idem, p. 528.

<sup>95</sup> Idem, ibidem. J. DELORME. *Leitura do Evangelho segundo Marcos*. 4ª. ed., São Paulo: Paulus, 1982, p. 104. P. van LINDEN. *Marcos*. In: D. BERGANT; R. J. KARRIS. *Comentário Bíblico*, op. cit. p. 61.

<sup>96</sup> R. FABRIS. *O Evangelho de Marcos*, op. cit. p. 528. Como podemos ver em Cl 4,5s: “Atinai a maneira certa de tratar os não-cristãos; valei-vos da ocasião. Sejam as vossa palavras sempre afáveis, temperadas de sal, com a arte de responder a cada um como convém.”

“viver em paz”,<sup>97</sup> aparece também em outros textos do NT,<sup>98</sup> sempre inserido no contexto das boas relações comunitárias.

Mas o fundamental é perceber que tal necessidade tem seu fundamento na própria realidade salvífica. Como anunciadores da boa nova da salvação, os discípulos de Jesus Cristo devem manifestá-la pela própria vida, criando, já neste mundo, em suas estruturas sociais, comunidades baseadas na paz e no amor fraterno.<sup>99</sup>

Até aqui vimos como o tema da paz nas palavras de Jesus está inserido na dinâmica do Reino, em sua perspectiva de um novo modo de ser, baseado nas relações harmoniosas e no convívio fraterno. Todavia, o tema da paz não se resume apenas a essa perspectiva. Uma outra está muito presente nos textos evangélicos, especificamente naqueles onde a vida humana se vê diminuída em sua dignidade e a paz designa, então, a vida plena trazida por Jesus Cristo.

---

<sup>97</sup> V. HASLER, op. cit. col. 1200.

<sup>98</sup> Como em Rm 12,18; 2Cor 13,11; 1Ts 5,13.

<sup>99</sup> Cf. V. HASLER, op. cit. col. 1202. J. DELORME, op. cit. p. 104.

### 3.3. A paz nos atos taumatúrgicos de Jesus

Segundo Lc 24,19, o poder de Jesus se revela por suas palavras e também por seus atos (ou obras). Estes, como sinais, estão a serviço da fé, uma fé que conduz à vida (Cf. Jo 20,30s). Logo, podemos afirmar que os atos taumatúrgicos de Jesus revelam a vida plena do Reino de Deus, o que está em sintonia com um dos sentidos de *shalôm*: a integridade da vida, a plenitude das relações restabelecidas. As curas e o perdão dos pecados são sinais da atuação do Reino de Deus. Assim sendo, a pessoa que é curada ou perdoada já participa da vida plena do Reino, e por isso a ela é anunciada a paz.

O conteúdo e o sentido teológico-salvífico da paz na perspectiva acima pode ser deduzida de alguns relatos de cura e perdão.<sup>100</sup> Decerto não abordaremos aqui todos os relatos que envolvem a questão dos milagres. Os casos nos quais vamos nos basear devem ser vistos como paradigmáticos para uma teologia da paz na perspectiva de restabelecimento da vida.

#### 3.3.1. A paz como cura e salvação

O caso que nos serve como ponto de partida para nossa reflexão é relatado em Mc 5,25-34 e Lc 8,43-48: a cura da hemorroíssa. Nesse caso do encontro de uma mulher que sofria de um mal que a impedia de viver em plenitude sua vida, podemos perceber que a palavra de Jesus dirigida a ela está além de uma mera saudação de despedida. A mulher agora pode “ir em paz” pois estando curada está agora restabelecida em sua condição de pessoa e filha de Deus: como pessoa agora é uma mulher que pode voltar a uma vida normal, livre da segregação e gozando de sua boa saúde; Jesus a chama de filha, restabelece a mulher na condição de filha de Deus, pois curada de uma condição de impureza ritual<sup>101</sup> que a impedia de participar da vida litúrgica.

---

<sup>100</sup> No caso de cura: Mc 5,25-34 e Lc 8,43-48; de perdão: Lc 7,36-49.

<sup>101</sup> Cf. as prescrições de Lv 15,25.

O ato de Jesus de despedir a mulher “em paz”<sup>102</sup> tem todo um significado teológico: o encontro com Jesus restabelece a pessoa. A salvação é uma cura, e a pessoa curada é a imagem do ser humano na condição querida por Deus: ser humano vivendo na plenitude, na integridade, no completo bem-estar, vivendo a *shalôm* da criação.

Para R. FABRIS, a passagem de Mc 5,34 está dentro de uma “coleção de milagres” (Mc 4,35-5,43), que, segundo a perspectiva cristológica desse evangelho, tem a intenção de revelar o poder de Jesus:

“É o poder de Jesus que, num crescendo contínuo, se revela às vistas dos discípulos, primeiro sobre o poder caótico e desencadeado das ondas, depois sobre o adversário, Satanás, que como força coletiva e furiosa atormenta a vida de um homem, e, enfim, sobre a doença e a morte.”<sup>103</sup>

O poder de Jesus é revelado então em sua ação salvadora-libertadora, contra tudo o que se apresenta como contrário ao plano de Deus. Neste sentido estão também a doença e a morte. Por isso, vale ressaltar que no caso da perícopie de Mc 5,22-43 (cura da hemorroíssa e ressurreição da filha de Jairo) há dois verbos que revelam o tema central que vai ser tratado: “salvar” (ou curar) e “viver”.<sup>104</sup> No caso da filha de Jairo, isso fica claro quando, diante da iminência da morte de sua filha, ele pede a Jesus que vem impor-lhe as mãos para que ele “seja salva e viva” (Cf. Mc 5,22-23).

No caso da mulher que sofria com a hemorragia, esta buscava a cura (Mc 5,28), não simplesmente para uma doença, mas para sua condição de vida, a qual estava se esvaindo. Por isso, podemos afirmar que a paz que tal mulher agora pode experimentar, tem um novo sentido: como fruto do encontro com Jesus, ela é agora dom vivificante, salvífico. Pois para a mulher, o que estava em jogo era sua vida que “piorava cada vez mais” (Mc 5,26).

Um dado importante que devemos considerar, é que no encontro Jesus com a hemorroíssa a lógica das prescrições legais de pureza e impureza é invertida. Para compreendermos essa inversão, temos que nos remeter à legislação sobre as impurezas sexuais, especificamente sobre as prescrições de pureza e impureza. De

<sup>102</sup> “Ele, porém, lhe disse: ‘Minha filha, a tua fé te salvou; vai em paz e fica curada de teu mal’” (Mc 5,34); “Minha filha, a tua fé te salvou. Vai em paz” (Lc 8,48).

<sup>103</sup> R. FABRIS. *O Evangelho de Marcos*, op. cit. p. 469.

<sup>104</sup> Idem, p. 475.

acordo com as instruções contidas em Lv 15,25-31, a mulher atingida por uma hemorragia ficaria impura pelo tempo que tal hemorragia durasse, e aquele que a tocasse também ficaria impuro. Segundo essa legislação, a mulher do relato de Mc 5 e Lc 8 estava em estado de impureza e todo aquele que entrasse em contato com ela também o ficaria.

No encontro com Jesus, como dissemos acima, essa lógica é invertida, pois o efeito recai sobre a mulher, prevalecendo não a “impureza”, mas sim a vida; no toque de suas vestes, toque carregado de todo um sentido de uma fé que ultrapassa o legalismo, o qual impedia a mulher de entrar em contato com os outros, acontece um ato salvífico carregado de dimensão existencial, pois acontece uma ruptura entre um estado de exclusão, causado pela situação de impureza, e a recuperação da própria vida. Para aquela mulher, o encontro com Jesus foi um momento de volta à dinâmica da plenitude para a qual toda a criação é chamada. Ou seja, toda a criação anseia pela plenitude do ser (Cf. Rm 8, 18ss), pelo pleno desenvolvimento das potencialidades recebidas como dom da vida. A cura-salvação para a mulher ultrapassa o meramente corpóreo ou somático. Não é apenas o fim de uma doença, mas o reencontro do sentido da vida e a volta à dinâmica da *shalôm* da criação.

Por isso, o ato de Jesus de despedi-la em paz tem um sentido novo, que só pode ser entendido dentro da perspectiva salvífica da ação taumatúrgica de Jesus. A paz que a mulher experimenta é uma paz salvífica,<sup>105</sup> pois revela mais que uma vida curada. A paz revela o poder salvífico de Jesus. Como afirma R. FABRIS, “o poder extraordinário de Jesus, o poder salvífico que restaura o homem na sua dignidade ou o liberta de seu medo.”<sup>106</sup>

A revelação de que o Reino de Deus está entre nós, de que sua misericórdia nos alcançou em Jesus Cristo, se faz também pela ação taumatúrgica de Jesus. E justamente na perspectiva messiânica é que os milagres alcançam seu verdadeiro sentido, pois são gestos salvíficos cujo fim não está no ato em si de curar uma doença, mas sim de levar ao conhecimento e adesão à proposta do Reino de Deus.

---

<sup>105</sup> J. DELORME, op. cit. p. 57. P. van LINDEN, op. cit. p. 65.

<sup>106</sup> R. FABRIS. *O Evangelho de Marcos*, op. cit. p. 481.

Nesse caso da cura da mulher estamos no contexto da manifestação de uma fé salvífica. No relato do evangelho de Lc, Jesus fala explicitamente de uma força que dele saiu.<sup>107</sup> Para este evangelho, essa força<sup>108</sup> é, na realidade, a ação do poder de Deus. Conforme R. FABRIS: “O ‘poder’, *dynamis*, do Senhor, segundo o vocabulário lucano, é a manifestação da força divina que guia Jesus desde o batismo com a descida do Espírito, que é a força ou o poder por antonomásia.”<sup>109</sup>

Por esse motivo, podemos fazer uma ligação entre a ação do Espírito que age em Jesus, e que age curando a mulher, com a sua situação de paz. A paz é dom do Espírito, que, nesse caso, se reveste de uma especificidade antropológica, já que curada, a mulher pode voltar ao convívio com os outros. A paz, fruto do Espírito de Jesus, é pois um dom de vida plena.

### **3.3.2. A paz como fruto do perdão**

O capítulo 7 de Lc desenvolve a temática da misericórdia de Deus que se revela em Jesus. Em seus gestos, ele revela a misericórdia do Pai que, em conexão com o que vimos nos relatos da infância, é a própria ação salvadora de Deus agindo de modo efetivo no meio do povo (Cf. Lc 7,16).<sup>110</sup>

Segundo R. FABRIS, são justamente os pequenos, os pobres e os pecadores que, percebendo essa ação divina, se abrem e acolhem a salvação. Assim, eles são:

o núcleo do novo povo que acolheu com generosidade a nova proposta salvífica de Deus, (...) O estilo e a lógica do agir de Deus desmancham, mais uma vez, as classificações e os esquemas humanos. (...) O episódio da pecadora, acolhida e perdoada por Jesus, na casa e na presença de um fariseu carrancudo e bem-comportado, é uma plástica ilustração deste estilo de Deus.<sup>111</sup>

De posse desses dados, podemos afirmar que em Lc 7,36-50, no relato do perdão da pecadora, o versículo 50 é como que uma conclusão de toda a teologia desenvolvida no capítulo 7. A “mulher pecadora” torna-se um paradigma de todo ser humano que é atingido pelo perdão de Deus. Esse perdão que atinge a mulher,

<sup>107</sup> “Mas Jesus disse: ‘Alguém tocou em mim; eu senti uma força sair de mim’ (Lc 8,46)

<sup>108</sup> Que aparece também nos relatos de 5,17 e 6,19.

<sup>109</sup> Cf. 4,14.36; 6,19; At 10,38. R. FABRIS. *O Evangelhos de Lucas*, op. cit. p. 66.

<sup>110</sup> R. FABRIS. *O Evangelhos de Lucas*, op. cit. p. 81.

<sup>111</sup> Idem, ibidem.

e não só ela, mas a toda humanidade, atinge até as raízes mais íntimas do ser humano, de tal modo que ela pode ir “em paz” (Lc 7,50).

Portanto, essa paz, longe de ser meramente uma tranquilidade de consciência, é, em última instância, a paz salvífica: a paz concedida pelo Messias salvador. E por seus gestos amorosos, a mulher manifesta a sua fé em Jesus.<sup>112</sup> E esta fé salvífica<sup>113</sup> gera o perdão, conforme explica R. FABRIS, “poder-se-ia entender o texto original de Lucas também neste sentido: o grande perdão concedido à mulher é fruto e resposta a seu grande amor manifestado para com Jesus.” E, como conclui este autor, “há uma íntima ligação entre o perdão dos pecados e o amor generoso.”<sup>114</sup>

No caso específico da pecadora, o perdão lhe proporciona uma nova vida: no perdão ela encontra a salvação.<sup>115</sup> E a paz, na qual ela agora pode ir, significa esse perdão salvífico. Portanto, ela experimenta a paz salvífica.

---

<sup>112</sup> J. KODEL, op. cit. p. 85.

<sup>113</sup> Cf. A. STÖGER, op. cit. p. 227.

<sup>114</sup> R. FABRIS. *O Evangelhos de Lucas*, op. cit. p. 88.

<sup>115</sup> A. STÖGER, op. cit. p. 228.

### 3.4. A paz na perspectiva do Mistério Pascal

Tudo o que vimos até aqui sobre a relação do tema da paz na Bíblia com o Messianismo de Jesus chega ao seu ponto culminante: o Mistério da Paixão-Morte-Ressurreição de Jesus, ponto central da Missão de Jesus.<sup>116</sup>

Sabemos que toda a experiência dos discípulos é iluminada pela Ressurreição de Jesus. A fé que eles professam no Cristo, bem como toda a reflexão cristológica das primeiras comunidades são possíveis somente a partir dessa experiência.<sup>117</sup> O mesmo acontece com a vida terrena de Jesus. O seu sentido libertador e salvador só é percebido claramente na luz do Ressuscitado, na certeza de que aquele que estava morto, ressuscitou.<sup>118</sup>

Pois bem, em todo esse contexto o tema da paz está inserido. Nos pontos seguintes, veremos como ela é apresentada, pelos relatos evangélicos, sendo identificada com a presença salvadora de Jesus, e como o dom do Ressuscitado.

#### 3.4.1. A paz identificada com a presença de Jesus

A estrutura literária dos Evangelhos Sinóticos desenvolve a atividade de Jesus seguindo a geografia da Palestina:<sup>119</sup> ele inicia seu ministério na Galiléia, passa pela Samaria e conclui sua atividade em Jerusalém.<sup>120</sup> Diferentemente do evangelho de João, em sua atividade de pregador, Jesus só vai a Jerusalém uma única vez, e nesta única estada na “cidade da paz”, ele se aproxima de sua morte.

Portanto, nos três Sinóticos a entrada de Jesus em Jerusalém tem toda uma intenção teológica bem definida: as profecias se concretizaram, o Messias, o Profeta salvador, o Messias davídico finalmente chega a Jerusalém.<sup>121</sup>

---

<sup>116</sup> R. COSTE, op. cit. p. 83

<sup>117</sup> Cf. A. G. RUBIO. **O encontro com Jesus Cristo vivo**, op. cit. p. 17s.

<sup>118</sup> Idem, ibidem.

<sup>119</sup> Sobre a geografia da Palestina, ver: B. MARCONCINI. **Os Evangelhos sinóticos: formação, redação, teologia**. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 38-39.

<sup>120</sup> Cada evangelho, em sua perspectiva, desenvolve mais a atividade de Jesus em uma ou outra localidade, sobre isso ver: B. MARCONCINI, op. cit. p. 73-75.

<sup>121</sup> Cf. Mt 21,1-11.15-17; Mc 11,1-10; Lc 19,29-45. D. J. HARRINGTON, op. cit. p. 35. P. van LINDEN, op. cit. p. 64. J. KODELL, op. cit. p. 101.

Como o interesse de nosso estudo é a questão da paz, vamos nos restringir à narrativa de Lc, pois somente nela é que o termo *eirene* aparece envolvido nesta etapa da vida e da obra de Jesus. Mais precisamente, nos basearemos no texto de Lc 19,37-42.44c.

Como em todos os outros relatos da entrada de Jesus em Jerusalém, também em Lc Ele é aclamado publicamente como o Messias.<sup>122</sup> Mas em Lc, mais que nos outros evangelhos, podemos perceber uma presença marcante da temática da paz nesse episódio.

Em sua narrativa, Lc usa de imagens que evocam a esperança salvífica messiânica.<sup>123</sup> Então, segundo Zc 14,4, o Messias entra em Jerusalém pelo Monte das Oliveiras, cumprindo as expectativas messiânicas. Consoante a profecia do “rei humilde que vem trazer a paz” de Zc 9,9ss,<sup>124</sup> Ele entra montado num jumento, símbolo de seu messianismo de paz.<sup>125</sup>

Conforme Lc 19, 37s, a paz é aclamada pela multidão dos discípulos. A saudação angélica de Lc 2,14 agora é posta na boca dos homens e mulheres que seguem o Rei Messias, assinalando o cumprimento da profecia de seu nascimento:<sup>126</sup> a presença da paz messiânica no seio da humanidade.

Todavia, diferentemente dos discípulos que celebram o encontro da paz trazida pelo Messias, Jerusalém não a encontra. A “Cidade da paz” não soube encontrar a paz verdadeira,<sup>127</sup> pois não reconheceu Jesus como o “príncipe escatológico da paz”.<sup>128</sup>

Assim, vemos que a redação de Lucas faz uma releitura da entrada de Jesus em Jerusalém explicitando a profunda relação entre a salvação messiânica de Jesus e a paz. Poderíamos afirmar que entre Jesus e a paz há uma relação de identidade: a verdadeira paz está na pessoa de Jesus. Esta relação de identidade pode ser vista também em alguns textos do evangelho de João.

---

<sup>122</sup> J. KODELL, op. cit. p. 101.

<sup>123</sup> R. FABRIS, *O Evangelho de Lucas*, op. cit. p. 192

<sup>124</sup> Cf. G. von RAD, op. cit. col. 205.

<sup>125</sup> Cf. A. STÖGER, **O Evangelho segundo Lucas. Segunda parte**. 2ª. ed., Petrópolis: Vozes, 1985, p. 150. J. KODELL, op. cit. p. 101, o jumento esta em contraposição ao cavalo, animal usado nas guerras.

<sup>126</sup> J. KODELL, op. cit. p. 101.

<sup>127</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>128</sup> A. STÖGER, **O Evangelho segundo Lucas. Segunda parte**, op. cit. p. 155.

Diferentemente dos Sinóticos, que relacionam o tema da paz com várias etapas da missão de Jesus, em João, esse tema está relacionado diretamente com o mistério da Paixão e Ressurreição.<sup>129</sup> Portanto, há uma relação entre a paz e o momento crucial da vida de Jesus e dos discípulos: seja no contexto dos discursos de despedida (14,27; 16,33), seja nos encontros com o Ressuscitado (20,19.21).

Assim sendo, em Jo 14,27 e 16,33 podemos perceber essa profunda relação, não só na afirmação de que Jesus concede a “sua paz”, como também na certeza de que nela está a paz verdadeira. Esses dois versículos estão num contexto de íntima ligação entre Jesus e os seus discípulos. Aliás, os capítulos 13-17 de Jo contêm um “ensinamento privado de Jesus aos seus discípulos”, cujo tema principal desenvolvido é o amor (*ágape*).<sup>130</sup>

O capítulo 14 de Jo apresenta, logo de início, o seu tema de fundo: a firmeza da fé e a necessidade de não ter medo: “Não se perturbe o vosso coração; vós credes em Deus, crede também em mim.” (Jo 14,1).

A questão principal é a situação dos discípulos que, diante da iminente partida de Jesus, se sentem só (Jo 14,2.3). Eles devem permanecer firmes em sua fé. Pois mesmo distante, o Mestre vai permanecer com eles: na experiência e na vivência do amor (14,21); através do Paráclito (14,16.17); na oração (14,13.14) e na sua paz (14,27).<sup>131</sup>

Portanto, em Jo 14,27, bem como em 16,33, a paz concedida aos discípulos está em conexão com a presença salvífica de Jesus Cristo: ela é um dom que “vem do alto”,<sup>132</sup> é a doação da presença constante de Jesus, que encoraja os discípulos a permanecerem na fé. Sua despedida na realidade não é a declaração de sua ausência: Ele vai, mas continuará presente, com os seus.<sup>133</sup> Há uma personificação da paz na relação entre ela e a presença de Jesus.

Em Jo 16,33, o texto retoma a questão da necessidade da confiança em Jesus, pois, apesar das aflições, a palavra final e vitoriosa é a do Pai: a Ressurreição. Como afirma B. MAGGIONI, a paz de Jesus “não consiste na

<sup>129</sup> J. COMBLIN, op. cit. p. 202. R. COSTE, op. cit. p. 89.

<sup>130</sup> B. MAGGIONI. *O Evangelho de João*. In: R. FABRIS; B. MAGGIONI. *Os Evangelhos II*. 2ª ed., São Paulo: Loyola, 1992, p. 408.

<sup>131</sup> Cf. B. MAGGIONI, *O Evangelho de João*, op. cit. p. 421.

<sup>132</sup> Idem, p. 427.

<sup>133</sup> Cf. J. MATEOS; J. BARRETO. *O Evangelho de São João*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 619.

ausência da cruz, mas na certeza de sua vitória: certeza radicada na vitória do Cristo: eu venci o mundo”.<sup>134</sup>

Portanto, nesse texto do evangelho de Jo, já se vislumbra a realidade da vitória da paz na perspectiva de ser ela um dom do Ressuscitado, como podemos ver em Lc 24,36-42 e Jo 20,19.21.26.

### **3.4.2. A paz como dom do Ressuscitado**

Em todos os quatro Evangelhos temos os relatos das aparições do Jesus Ressuscitado. Sem ignorar a importância que cada relato tem, tanto na dinâmica própria de cada Evangelho, quanto para a teologia e a fé cristã, vamos nos concentrar aqui nos relatos de Lc 24,36-42 e Jo 20,19-28, onde o tema da paz novamente está inserido.

Segundo R. FABRIS, no texto de Lc 24,36-42 temos “uma síntese teológico-querigmática, ou seja, um resumo das reflexões e da pregação que a primeira comunidade fez com base nas últimas experiências ou encontro com o Senhor ressuscitado.”<sup>135</sup>

Os vv. 36-43 relatam a aparição de Jesus aos onze que, pelos “sinais”, percebem que não se trata de um espírito, mas é o mesmo Jesus que morreu que agora lhes aparece. Há uma identificação pessoal entre este que agora surge e aquele que havia morrido na cruz: é o mesmo Jesus (v. 39); todavia, não está mais morto, e sim vivo, pois come com os seus (v. 43).<sup>136</sup>

Ao aparecer aos onze, Jesus os saúda com a paz. É a mesma paz salvífica de antes, a mesma experimentada pelos que foram curados e perdoados, é a mesma paz do Reino. Porém, agora, na boca do Ressuscitado, ela chega à sua plenitude: é a paz da vitória sobre a morte, sobre toda e qualquer potência de violência,

Agora é oferecida a todos os homens uma nova possibilidade: sair do próprio passado de fatalismo e de medo, que geram violência, escravidão e injustiça. (...) A vitória de Jesus sobre a morte é um anúncio que cria uma situação nova de

<sup>134</sup> B. MAGGIONI, *O Evangelho de João*, op. cit. p. 427.

<sup>135</sup> R. FABRIS. *O Evangelho de Lucas*, op. cit. p. 245.

<sup>136</sup> Idem, p. 245-246.

liberdade, enquanto subtrai o homem àquele instinto de morte e de medo da morte que está na origem da situação de pecado.<sup>137</sup>

A paz se reveste da glória do Ressuscitado; ela é, em verdade, o dom de plenitude da vida. É o que podemos ver em Jo 20,19-23.26.

Em Jo também há uma preocupação em demonstrar que o Ressuscitado é o mesmo que morreu, (19,20); porém, revestido de uma nova condição, pois entra onde estavam os discípulos, mesmo com as portas trancadas (19,19).<sup>138</sup>

Ao se colocar no meio dos discípulos, o Ressuscitado lhes concede, novamente, a sua paz (v. 19). Ao dizer que Ele concede a sua paz, queremos afirmar que a atitude de Jesus vai muito além de uma simples saudação. A paz concedida é a sua paz, em conexão com o que vimos nos textos de Jo 14,27 e 16,33. Sua paz contrasta fortemente com a situação dos discípulos: estavam com as portas trancadas<sup>139</sup> por causa do medo. Como em Jo há outras referências ao medo (7,13; 9,22; 12,42), se faz necessário ver sua relação com o tema da paz. Uma boa síntese encontramos na reflexão feita por B. MAGGIONI:

Este medo sempre é causado pelo mundo (os judeus), que o usa para impedir que a luz abra caminho; um medo que encontra cumplicidade no coração do próprio homem, prisioneiro da estima do mundo e excessivamente preocupado consigo mesmo; medo que o torna cego e hesitante. Medo experimentado pela comunidade joanina, hostilizada pela sinagoga e pelo mundo. O discípulo deve superar este medo e abrir-se à fé; só assim torna-se disponível para o dom da paz e da alegria, os dois dons que Jesus tinha prometido aos seus no seu discurso de testamento. A paz de Cristo é o contrário do medo (14,27; 16,33). A paz e a alegria são o dom do Cristo ressuscitado (v. 20.21), mas são também condição para reconhecê-lo. E importa sobretudo compreender que a paz e a alegria são dados unicamente ao homem que superou o apego a si e portanto já não é vassalo do mundo: a paz e a alegria nascem na liberdade, na verdade, no dom de si.<sup>140</sup>

A plenitude da paz está, pois, no dom do Ressuscitado: de posse da vida plena, ele a concede aos seus discípulos. E, pelo que vimos acima, sobre a relação entre o medo e a paz, esta, para Jo, tem uma dimensão fortemente existencial: ela representa a superação e a libertação<sup>141</sup> de tudo o que, interna ou externamente, impede a pessoa de experimentar uma vida plena.

<sup>137</sup> Idem, p. 246.

<sup>138</sup> B. MAGGIONI, *O Evangelho de João*, op. cit. p. 484.

<sup>139</sup> Segundo J. MATEOS; J. BARRETO, op. cit. p. 828, o texto grego usa o verbo *kleiô*, o que indica que a porta estava bem fechada, ou seja, com chave, trave, ferrolho ou tranca.

<sup>140</sup> B. MAGGIONI, *O Evangelho de João*, p. 484.

<sup>141</sup> Cf. J. MATEOS; J. BARRETO, op. cit. p. 829.

Por outro lado, a vida em Jo não se resume ao biológico, mas é um conceito teológico: trata-se da vida eterna (cf. 20,31; 1,12-16; 3,16). Por isso a paz como dom do Ressuscitado é a paz conquistada pela vitória de seu amor sobre o pecado, a violência e a morte, pois a paz é uma exigência da dinâmica do amor. Por esse mesmo amor o Pai nos envia seu Filho, que na dinâmica de sua Morte e Ressurreição nos concede a vida.<sup>142</sup>

Essa experiência fundamental da fé em Jesus Cristo vai mover a vida das primeiras comunidades cristãs. Observando-as, saberemos como devemos viver, nos dias de hoje, a proposta do Reino de amor e paz. Isto é, viver a paz em uma perspectiva crística. Assim, no próximo capítulo, vamos buscar refletir teologicamente sobre os dados obtidos com o estudo feito até aqui.

---

<sup>142</sup> R. COSTE, op. cit. p. 83.